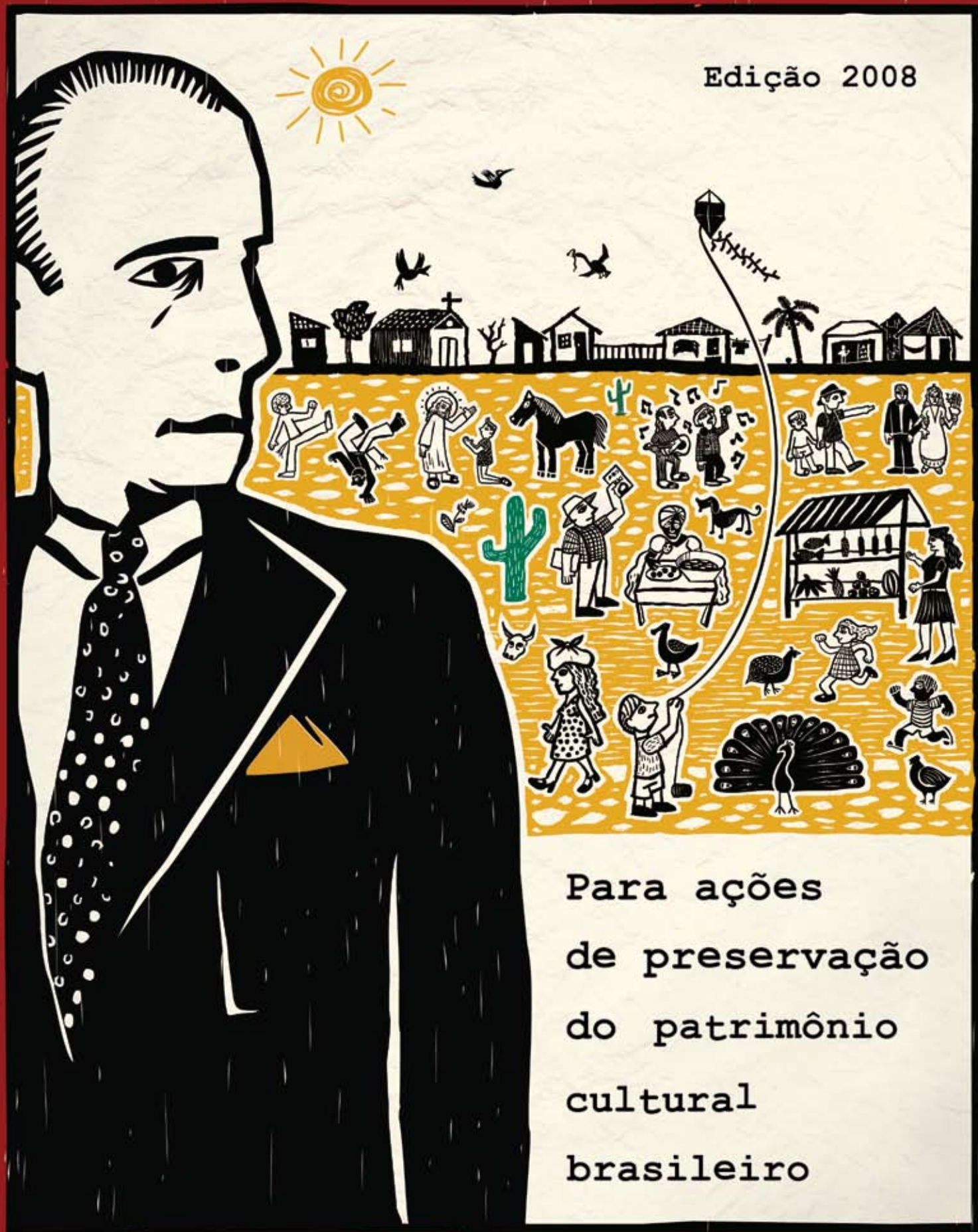


PRÊMIO RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE

Edição 2008



Para ações
de preservação
do patrimônio
cultural
brasileiro



Dar visibilidade a iniciativas que estimulem o exercício da memória coletiva e a reflexão sobre os valores brasileiros; esta é a proposta do prêmio que leva o nome deste grande homem que fundou o Iphan. É sem dúvida algo de relevância o que tal evento público tem feito nos mais de 20 anos em que ocorre, identificando projetos e distinguindo sujeitos de nossa sociedade que, de maneira criativa e competente, nos despertam para o reconhecimento daquilo que no passado é motivo de atenção do presente.

Além disso, todo o processo de eleição dos vencedores é uma oportunidade de reunir especialistas de nossa sociedade, do Iphan, de universidades, de instituições públicas e de organizações não governamentais, trazendo à tona um vivo debate que é da maior relevância para nossa cultura. Penso que esse debate provocado, sutilmente, vai repropoando categorias, conceitos e critérios que definem o que é considerado o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Assim, o Prêmio dá continuidade ao projeto de Rodrigo Melo Franco de Andrade que soube, na primeira hora, agregar a um projeto de Estado a sabedoria de pessoas iluminadas, para instituir uma política voltada aos valores que o constituíam.

Na gestão do Ministro Gilberto Gil pudemos avançar muito na recuperação dessa memória que se fixa na atividade imaterial dos mestres e dos artífices de uma cultura herdada e transmitida na lida das gerações. E, neste ano, como todos sabem, o Supremo Tribunal Federal emitiu parecer de enorme lucidez sobre o caso da terra indígena de Raposa Serra do Sol, um posicionamento jurídico bastante imbuído desse espírito de reconhecimento de nossa diversidade cultural

e da imaterialidade de seus fundamentos. Vejo uma feliz coincidência, a emergência de um espírito de época, na premiação a uma instituição de povos do Xingu que busca, de forma emancipada e consciente, dar fundamento e garantir os seus direitos com ampla pesquisa sobre a ocupação milenar do território.

Creio que esses fenômenos são a força viva de nossa sociedade que ruma com a democracia, zelosa de seus valores, trazendo ao plano oficial uma memória que a duras penas sobreviveu em meio a tantas formas de massacres e esquecimentos. Estamos fazendo justiça a todos nós que fomos privados durante nossa história da nossa própria diversidade, nosso traço determinante de país. Assim fazemos, hoje, justiça à nossa Constituição.

Juca Ferreira
Ministro da Cultura

“Aquilo que se denomina Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (...) é o documento de identidade da nação brasileira. A subsistência desse patrimônio é que comprova, melhor do que qualquer outra coisa, nosso direito de propriedade sobre o território que habitamos.”

Rodrigo Melo Franco de Andrade



Em sua 21ª edição, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade exhibe ao Brasil e ao mundo o crescente vigor de ações de preservação de nosso patrimônio cultural. O que antes ficava restrito a Minas Gerais e às cidades litorâneas das regiões nordeste e sudeste agora se espraia pelo interior do país e alcança todos os seus quadrantes. Esta tendência já vinha se manifestando em anos anteriores, mas se consolida definitivamente.

A célebre frase do letrista e compositor Aldir Blanc, “o Brasil não conhece o Brasil”, sempre se constituiu em um desafio. Este ano os trabalhos premiados mostram facetas de nossa cultura desconhecidas para o grande público, mas extremamente representativas da diversidade que molda a identidade nacional. Mais importante é a constatação de que a percepção do que é significativo para a preservação da memória coletiva, do que deve ser levado para o futuro, é protagonizado por muitos segmentos sociais antes marginalizados. Suas manifestações e representações culturais ampliam o entendimento do que é cultura e patrimônio cultural.

O Brasil que vem à luz, pelo trabalho de reconhecimento e divulgação das centenas de instituições e pessoas que participaram do processo de seleção, não é o Brasil pasteurizado que nos é inculcado pela mídia e pela “sociedade do espetáculo”. É um Brasil que revela suas várias dimensões e leituras, que não sobrevivem às classificações simplistas do passado ou aos rótulos passageiros. A caatinga, a floresta, a colônia, o urbano e o rural estão presentes como lugares geográficos, para manifestações que não mais pertencem exclusivamente à sua origem. O Brasil começa a conhecer o Brasil.

*Luiz Fernando de Almeida
Presidente do Iphan*

Ações Pré-Selecionadas em 2008

Concorreram ao Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, em sua fase final, 74 ações.

APOIO INSTITUCIONAL E/OU FINANCEIRO

- Programa Petrobras Cultural, da Petrobras – Petróleo Brasileiro S.A.
- Programa Monumentos, da Agência de Desenvolvimento Econômico e Social de Ouro Preto e Novelis do Brasil Ltda.
- Oficina Escola de Ladrilho Hidráulico, da MMX Corumbá Mineração Ltda.
- Preservação da Dança dos Caboclos de Major Sales, da Prefeitura Municipal de Major Sales/RN.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

- Aprendendo no Museu, do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá.
- Escola de Educação Básica e Profissional da Fundação Bradesco, de Pinheiro/MA.
- Azulejaria, da Sociedade Civil enda Brasil.
- Projeto Deart de Educação, de Rosane Bezerra Soares.
- Projeto Educação Patrimonial Campos de Cima da Serra, da Prefeitura Municipal de Bom Jesus/RS.
- Vivências Culturais – Ojô Odé e Porancê Poranga, do Espaço Cultural Vila Esperança.
- Brasília: Museu e arte a céu aberto, de Rinaldo Paceli Ferreira de Oliveira.
- Parque Memorial Quilombo dos Palmares/AL, do Instituto Magna Mater.
- Histórias que os Bairros Contam, da Fundação Municipal de Cultura de Campo Grande/MS.
- O Ponto de Cultura – Projeto Cordel nas Escolas, da Fundação Nordestina do Cordel/PI.

DIVULGAÇÃO

- Projeto Idéias, do Museu Amazônico – Universidade Federal do Amazonas.
- Arraial do Saber – Desenvolvimento de educação cultural para a Amazônia brasileira, do Instituto Arraial do Pavulagem.
- Pés de Fulô – Núcleo de Teatro e Bonecos, de Sandra Maria Barbosa Cordeiro.
- Música do Povo Cariri, da Associação dos Voluntários para o Bem Comum – Avbem.
- Festa da Lavadeira, de Eduardo Freyre de Magalhães Melo.
- Simpósio Internacional de Contadores de Histórias, de Benita Lamas Gonzalez.
- Patrimônio Cultural e Tecnologias da Informação e Comunicação – Estudo de caso em Lençóis/BA, de Lorena Claudia de Souza Moreira.
- Almanaque Brasil de Cultura Popular, da Andreato Comunicações e Cultura.
- O Espaço Zeperrri, de Mônica Cristina Corrêa.
- Exposições do Memorial Theatro Sete de Abril, do Memorial Theatro Sete de Abril.
- Sons do Cerrado, da Universidade Católica de Goiás.
- Centenário de Dulcina de Moraes – 1908–2008, da Associação dos Amigos de Dulcina de Moraes.
- Arte na Ruína: A Arte de Preservar a Memória, do Instituto Chico Mendes.
- Museu Vai à Rua, do Museu Théo Brandão da Universidade Federal de Alagoas.
- Projeto Cultural VI Reedição da Marcha Cívico – Cultural da Retirada da Laguna, do 10º Regimento de Cavalaria Mecanizado/MS.
- XXXI Encontro Nacional de Folgedos no Piauí, da Fundação Cultural do Piauí.

PESQUISA E INVENTÁRIO DE ACERVOS

- Acervo J. G. Araújo, de Dysson Teles Alves.
- Música avançada: a semibreve freqüencial e a música viva da Floresta Amazônica, de Alberly Albuquerque.
- Acervo do Núcleo de Etnomusicologia da Universidade Federal de Pernambuco: Organização e Disponibilização, do Departamento de Música da UFPE – Núcleo de Etnomusicologia.
- Projeto Memória da Censura no Cinema Brasileiro 1964/1988, da Recordar Produções Artísticas.
- Mapeamento de Obras de Arte da Cidade de Salvador, da Proponente: Fundação Gregório de Mattos.
- Klauss Vianna, um Resgate Histórico, de Paula Mange Grinover.
- Jornalismo Cultural em Curitiba: uma breve abordagem, de Selma Suely Teixeira.
- Inventário de cemitérios de imigrantes alemães da Grande Florianópolis, de Elisiana Trilha Castro.





- Inventário do Patrimônio Histórico Rural do Município de Caxias do Sul/RS, da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul e Universidade de Caxias do Sul.
- Estrada Real - Paisagem Cultural do Brasil e do Mundo, de Américo César Antunes.
- O Cometa - Estudo Crítico, do Instituto Casa Brasil de Cultura.
- Museu do Pantanal, de Nivaldo Âmbar Vitorino.
- Hélio Galvão - O Saber como Herança, de Proponente: Gilmara Benevides Costa Soares Damasceno.

PRESERVAÇÃO DE BENS MÓVEIS E IMÓVEIS

- Programa de Preservação do Patrimônio Histórico de Bragança, da Prefeitura Municipal de Bragança/PA.
- Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense, do Instituto Cultural Cidade Viva.
- O Casarão da Praça, de Thaís dos Santos Vinhas.
- Restauração da Igreja Matriz Nossa Senhora da Divina Pastora, da Fundação Museu de Arte Sacra de Sergipe.
- Alegria Centro - Programa de Revitalização da Região Central Histórica de Santos, da Prefeitura Municipal de Santos/SP.
- Preservação das Casas de Madeira dos Colonos Eslovacos do Sul do Paraná, da Larocca Associados S/S Ltda.
- Casa dos Pioneiros - Resgatando nossa História, da Vasselai Incorporações Ltda.
- Restauração e Revitalização do Cine Brasil, da Fundação Sidertube e V & M do Brasil S.A.
- Restauração e Revitalização da Casa da Ferrovia, da Fundação Municipal de Cultura de Campo Grande/MS.

PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO NATURAL E ARQUEOLÓGICO

- Serra do Tombador: Preservação e Conservação do Meio Físico-Biótico e de Representações Rupestres de Ademário Dias Barbosa.
- Aplicativo Multimídia - Sítio Arqueológico São Francisco, de Wagner Gomes Bernal e Fábio Almeida.
- Conhecendo para Ensinar, da Associação de Turismo Eco-Rural de Joinville/SC.
- Memorial Serra da Mesa, da Prefeitura Municipal de Uruaçu/GO.



SALVAGUARDA DE BENS DE NATUREZA IMATERIAL

- Ballet Folclórico Afro Mutalembê, de Bianca Cristina Azevedo.
- Projeto Folhas Impressas, de Paula Gomes Sampaio, de Belém/PA.
- Anas, Potes e Alguidares do Porto, de Jandir Silva Gonçalves.
- Companhia de Jovens Griôts, de Se essa rua fosse minha.
- Samba de Roda Suerdieck, da Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas.
- Casa Mestre Ananias - Centro Paulistano de Capoeira e Tradições Baianas, de Rodrigo Bruno Lima.
- Pra ver a Umbanda passar: do esquecimento à lembrança, de Luciana Patrícia de Moraes.
- Grupo Cultural Cru de Teatro e Boi de Mamão.
- Respeitável Público - Respeitável Circo, de Sula Kyriacos Mavrudis.
- Saúde e Alimentação do Povo Xavante, da Associação Nossa Tribo.
- Grupo Camalote - Danças Folclóricas, de Marlei Sigríst.



Vencedores em 2008

Em 2008, as 21 Superintendências Regionais do Iphan analisaram 254 ações, inscritas em todo o país para o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Foram pré-selecionadas 74 ações pelas Comissões Regionais, das quais sete sagraram-se vencedoras por indicação da Comissão Nacional de Avaliação, composta por 16 integrantes.

Na categoria Divulgação concorreram 17 ações; Pesquisa e Inventário de Acervos: 14; Salva-guarda de Bens de Natureza Imaterial: 12; Educação Patrimonial: 11; Preservação de Bens Móveis e Imóveis: 10; Apoio Institucional e/ou Financeiro: 05 e Proteção do Patrimônio Natural e Arqueológico: 05.

CATEGORIA APOIO INSTITUCIONAL E/OU FINANCEIRO

Ações, projetos ou programas que tenham objetivado dar suporte institucional, captar recursos ou dar apoio financeiro à preservação e/ou promoção do patrimônio cultural.

Patrimônio indígena, história de nossa gente: resgatando a memória, as tradições e os lugares sagrados agora distantes de nós, ação desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa Etno-Ambiental do Xingu/Ipeax, de Canarana, Mato Grosso, apresentada pela 14ª Superintendência Regional do Iphan, com sede na cidade de Goiânia/GO.

O Parque Nacional do Xingu, criado em 1961 e homologado em 1991 pelo Governo Federal, abriga em sua área 14 etnias indígenas: Aweti, Kamayurá, Kalapalo, Kuikuro, Matipu, Nahykwá, Trumai, Waurá, Yawalapiti, Mehinako, Ikpeng, Kayabi, Yudjá e Suyá. Com a demarcação em 1978, muitas das terras indígenas ficaram fora da área do Parque, principalmente os lugares sagrados que guardam sua história e tradição, como o Sagihengu, no Rio Culuene, um dos formadores do rio Xingu, onde viviam os Kalapalo, e a caverna Kamukuwaká, dos Waurá, à beira do Rio Batovi, outro formador do Xingu. O Sagihengu é o lugar do primeiro Kuarup, realizado pelo Sol e a Lua e onde a história começou, segundo a tradição dos índios Kuikuro. O ritual é uma evocação das almas dos mortos ilustres. A caverna de Kamukuwaká é o local habitado pelo deus que protege os povos indígenas e onde teve início o ritual da furação de orelha, que marca a entrada dos rapazes no mundo dos adultos.

A maioria dos povos indígenas não conhece esses lugares, nem mesmo as histórias e tradições ligadas a eles, que estão se perdendo à medida

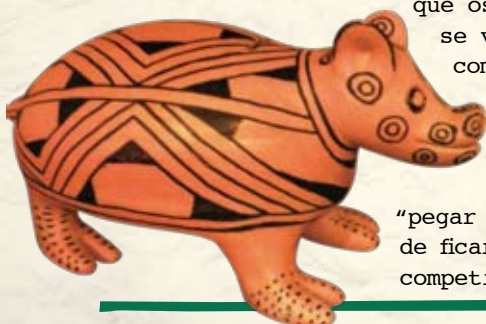
que os mais velhos se vão. De acordo com os indígenas, viraram terra de fazendeiro, por isso não há mais como “pegar caramujo, erva de ficar forte para competir no Huka-huka,

barro de pintar o corpo, pedras para lixar e remédio de dor no peito”. Com o intuito de preservar essa memória histórica e cultural os povos do Alto Xingu, em particular as etnias Kalapalo e Waurá, iniciaram um trabalho de recuperação dos lugares sagrados, a seu ver fundamentais para manter vivas suas tradições, a produção artesanal, a culinária, a língua, além do ritual do Kuarup. Todo o trabalho é desenvolvido pelas etnias, com o apoio do Instituto de Pesquisa Etno-Ambiental do Xingu/Ipeax, formado exclusivamente por indígenas.



As atividades envolvem reuniões nas aldeias e na sede do Ipeax, oficinas de memória e desenho, elaboração de cartilhas em língua indígena e em português, discussões sobre o projeto de recuperação dos locais sagrados, complementadas por visitas de velhos e jovens, muitos dos quais pela primeira vez. Como a distância entre as aldeias é muito grande o Ipeax convoca as reuniões por meio de rádio, cartas ou mensagens eletrônicas; organiza o transporte dos participantes em barcos; providencia o contato com a Funai, outras instituições e pesquisadores. Todas essas ações buscam reforçar a ligação de vários hábitos indígenas cotidianos com sua história ancestral, como os motivos decorativos da cerâmica Waurá inspirados nos desenhos das cavernas ou a tradição Kalapalo de elaborar requintados colares de pequenas e finas placas de caramujos, aprendida no Sagihengu, em tempos imemoriais.

Instituto de Pesquisa Etno-Ambiental do Xingu
Avenida Paraná, nº 733, Nova Canarana
CEP 78640-000, Canarana – MT
Telefone: (66) 3478.2564 e fax: (66) 3478.2357
ipeax@yahoo.com.br



CATEGORIA DIVULGAÇÃO

Ações, projetos ou programas que tenham objetivado divulgar e difundir o patrimônio cultural.

Grupos de Cultura Popular - o maior patrimônio do Vale do Jequitinhonha, ação desenvolvida pela Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha, de Araçuaí, Minas Gerais, apresentada pela 13ª Superintendência Regional do Iphan, com sede na cidade de Belo Horizonte/MG.

O Vale do Jequitinhonha ocupa uma área de mais de 85 mil km² no nordeste de Minas Gerais, banhada pelo Rio Jequitinhonha e seus afluentes. Ali vivem aproximadamente um milhão de pessoas em cerca de 80 municípios. A despeito de sua diversidade e riqueza cultural, a região é uma das mais desfavorecidas do país. Na década de 70, quatro amigos do Vale foram viver em Belo Horizonte e constataram que os migrantes da região tinham vergonha em revelar sua origem. Decididos a reverter esse quadro, iniciaram um trabalho de recuperação da identidade local e passaram a viajar por todo o Jequitinhonha, buscando conhecer sua realidade política e cultural. A atuação dos quatro amigos culminou na realização do I Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, mais tarde chamado Festivale, que logo se tornou o movimento sociocultural mais importante da região, percorrendo de forma itinerante 18 cidades desde 1980, com uma lista de atividades que inclui festival de música, shows com artistas populares, noite literária, feiras de artesanato, apresentações de grupos folclóricos e de teatro, violeiros, poesia, artes plásticas, mostras de vídeo, fotografia, culinária, medicina popular e práticas agrícolas, além de cursos, oficinas, debates e seminários sobre arte e cultura.



A partir de 1991 o evento passou a ser organizado pela Fecaje na última quinzena de julho. A 25ª edição do Festivale aconteceu na cidade de Joaíma, entre os dias 22 e 28 de julho de 2007, e contou com um público aproximado de 2.500 pessoas, que usufruíram de mais de 80 atividades, desenvolvidas por músicos e artistas, gestores do setor público e privado, agentes culturais e educadores que discutiram, planejaram e articularam ações em rede. A programação incluiu também o projeto Pedagogia Itinerante, desenvolvido por alunos do Centro Universitário de Belo Horizonte, que levou a Joaíma oito oficinas de formação para professores e funcionários da rede pública de ensino. Além disso, o grupo doou cerca de quatro mil livros para a montagem de uma biblioteca comunitária rural. Outra novidade foi o Encontro de Prefeitos do Vale do Jequitinhonha, realizado com o objetivo de sensibilizá-los para a criação de políticas voltadas à arte e à cultura. O principal desafio da Federação é conseguir recursos que garantam a realização anual do evento, segundo seus organizadores.

Um dos grandes momentos do Festivale é a apresentação dos Grupos de Cultura Popular, que acontece pelas ruas da cidade que abriga o evento. Muitos desses grupos vêm da zona rural e são formados por pessoas da mesma família, que transmitem seus conhecimentos de geração para geração. Um levantamento prévio dos grupos em atividade nas várias cidades do Vale foi realizado buscando atender toda a região: alto, médio, baixo e Jequitinhonha semi-árido. Nessas micro-regiões procurou-se delinear uma mostra abrangente que contemplasse a diversidade de suas manifestações, como as folias de reis, os bois de janeiro, congadas, catopés, trança fitas, tamborzeiros, marujos, caboclos e batuques, entre outras. Dentro da programação anual também se destacam as oficinas, que em 2007 incluíram temas como técnica vocal, teatro, técnica circense, brinquedos e brincadeiras, xilogravura, origami, dança afro, literatura, cerâmica, máscaras, escultura, confecção de tambores e elaboração de projetos.

Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha
Rua Marechal Deodoro da Fonseca nº 345, Esplanada
CEP 39610-000, Araçuaí - MG
Telefones: (33) 3731.3998 / 3446
www.fecaje.org.br e www.vivaovale.com.br
fecaje@yahoo.com.br



CATEGORIA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Ações, projetos ou programas integrados com setores comunitários, no campo da educação, que tenham sido voltados para a valorização da memória e do patrimônio cultural.

Programa de Educação Patrimonial: Por Dentro da História, ação desenvolvida pela Prefeitura Municipal de Contagem, de Minas Gerais, apresentada pela 13ª Superintendência Regional do Iphan, com sede na cidade de Belo Horizonte/MG.

Segunda cidade mais populosa de Minas Gerais – cerca de 600 mil habitantes – Contagem tem seus limites geográficos confundidos com a capital e outros municípios da Grande BH. O crescimento de fora para dentro, a localização e a grande concentração industrial e comercial geraram um tecido urbano disperso e fragmentado por linhas férreas, rodovias e grandes avenidas. Em meados da década de 90, como parte das diretrizes da política cultural do município, foram iniciadas ações de educação patrimonial, juntamente com o trabalho de identificação e proteção do patrimônio, com foco no atendimento da comunidade, em especial dos estudantes que buscavam a Casa da Cultura Nair Mendes Moreira-Museu Histórico de Contagem para obter informações sobre a história de sua cidade. Em 2005, com a perspectiva de atender um público maior, as várias iniciativas se transformaram no Programa de Educação Patrimonial: Por Dentro da História, que visa a promover, organizar e divulgar atividades educativas voltadas para a valorização e proteção da memória, a necessidade da preservação dos bens culturais, o reconhecimento dos referenciais simbólicos e o fortalecimento da noção de pertencimento à cidade.

O início do Programa foi marcado pelo lançamento do concurso para eleição do mascote de Contagem, realizado nas escolas municipais. Uma comissão julgadora apontou os cinco melhores, que foram submetidos a júri popular. O mascote vencedor foi o Contagito; os outros desenhos se transformaram na Turma do Contagito. Em 2006 a elaboração do livro Conhecendo Contagem com a Turma do Contagito, tiragem de 20 mil exemplares, apresentou os personagens eleitos, buscou incentivar a leitura entre o público infanto-juvenil e estimular o conhecimento sobre a história e a cultura locais. A distribuição de um conjunto de 40 livros para as bibliotecas das escolas e creches da rede municipal tornou a publicação uma das mais procuradas pelos alunos, segundo relato das bibliotecárias. Uma nova tiragem, de 40 mil exemplares, foi feita em 2007. Os personagens foram transformados em bonecos de

tamanho real, fato que gerou as Visitas da Turma do Contagito a cerca de 60 escolas e ao Hospital Municipal.

O Curso de Iniciação à Gestão do Patrimônio Histórico e Cultural, carga horária de 600 horas/aula, abordou temas relativos ao meio ambiente, turismo, restauração e conservação, história local e legislação/gestão do patrimônio cultural, e capacitou 20 jovens na faixa etária dos 16 aos 24 anos, em sua maioria em situação de vulnerabilidade social.



Outras etapas do Programa: distribuição de cadernos, agendas escolares e agendas painel para 75 mil estudantes; Concurso de Educação Patrimonial Por Dentro da História, com a participação das escolas da rede municipal, estadual e particular e premiação de três projetos desenvolvidos em 2007; distribuição às escolas de mil cópias do filme produzido sobre a história de Contagem contada pela Turma do Contagito; consolidação da Vila Contagito como Centro de Referência de Educação Patrimonial, espaço construído em uma escola municipal, contendo réplicas dos principais bens tombados do município e placas ilustrativas com seu histórico; e a realização do Curso de Educação Patrimonial para Professores da Rede Municipal de Ensino e da Fundação de Ensino de Contagem (ensino médio).

*Casa da Cultura Nair Mendes Moreira
Museu Histórico de Contagem
Praça Vereador Josias Belém nº 1, Centro
CEP 32017-670, Contagem – MG
Telefax: (31) 3352.5323
www.contagem.mg.gov.br
casa.cultura@contagem.mg.gov.br*

CATEGORIA PESQUISA E INVENTÁRIO DE ACERVOS

Ações, projetos ou programas que tenham objetivado o inventário, a pesquisa e a referência dos acervos e processos culturais.

Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí, ação desenvolvida por Olavo Pereira da Silva Filho, apresentada pela 19ª Superintendência Regional do Iphan, com sede na cidade de Teresina/PI.

A publicação *Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí* é resultado da pesquisa desenvolvida ao longo de 40 anos por Olavo Pereira da Silva Filho, arquiteto, urbanista e Especialista em Restauração e Conservação de Conjuntos e Monumentos Históricos. Organizada em três volumes – Estabelecimentos Rurais, Arquitetura Urbana e Urbanismo – é acrescida de um glossário de termos técnicos e expressões e reúne documentação iconográfica, pesquisas arquivísticas, relatos, análises e avaliações que contribuem para o entendimento da organização espacial e sistemas construtivos dos criatórios, vilas e cidades do Piauí monárquico. O autor associa a pesquisa arquitetônica aos fenômenos sociais, econômicos e culturais, informando sobre a origem e evolução das cidades piauienses nos séculos 18, 19 e 20, além de abordar as condições de preservação desse acervo.

A falta de referências sobre o quase desconhecido acervo arquitetônico e urbanístico do Piauí motivou o arquiteto mineiro a iniciar o trabalho de levantamento, especialmente sobre os elementos construtivos ali utilizados: carnaúba, pedra e barro. Olavo percorreu cerca de 50 municípios do estado, e em conversas com os habitantes da região pediu licença para documentar desde as enormes sedes de fazendas até a mais rústica construção de pedras, bem como as técnicas e sistemas construtivos empregados em sua arquitetura rural e urbana – civil, militar, religiosa, industrial e funerária.

Dirigida ao público mais amplo, segundo seu autor, a publicação ajuda a compreender como surgiram fazendas e povoados no desabitado sertão; a finalidade da Coroa em instituir vilas em locais tão ermos como Parnaíba, a 800 km da vila costeira de Parnaíba; as conseqüências da geopolítica no povoamento e no urbanismo; a participação da igreja na formulação dos povoados setecentistas; a arquitetura de casas de rua e de campo, de igrejas e aldeamentos missionários; as aproximações entre as construções do ciclo do couro e do ciclo da carnaúba, ou ainda

do sertão são-franciscano; como habitavam senhores, vaqueiros e escravos; e como esse acervo chegou à atualidade.

Para ele, “destaca-se a utilidade factual, a conjugação de forças tecidas pela natureza e pelo sincretismo luso-afro-brasileiro, a luminosidade de texturas, formas e espaços subordinados à ecologia de uma paisagem agreste, uma intenção plástica e uma acomodação orgânica presas aos condicionantes mais decisivos das relações de produção e consumo, em completa interação do espaço criado com o território; uma unidade estrutural subordinada a preceitos técnicos e funcionais do iluminismo português”.

O estudo começou de forma independente e somente após 20 anos passou a receber apoio. Conta atualmente com recursos obtidos por meio da Lei de Incentivo à Cultura e patrocínio da Petrobras. Para Olavo Pereira, dois importantes objetivos do trabalho são o incentivo a novos pesquisadores e o suporte à elaboração de projetos de preservação desse rico acervo.



Olavo Pereira da Silva Filho
Rua Fidalma Martins de Carvalho, Condomínio Santa
Marta, bloco 02, apto. 204, Ininga
CEP 64048-040, Teresina – PI
Telefone: (86) 8839.1011
olavopsf@ig.com.br



CATEGORIA PRESERVAÇÃO DE BENS MÓVEIS E IMÓVEIS

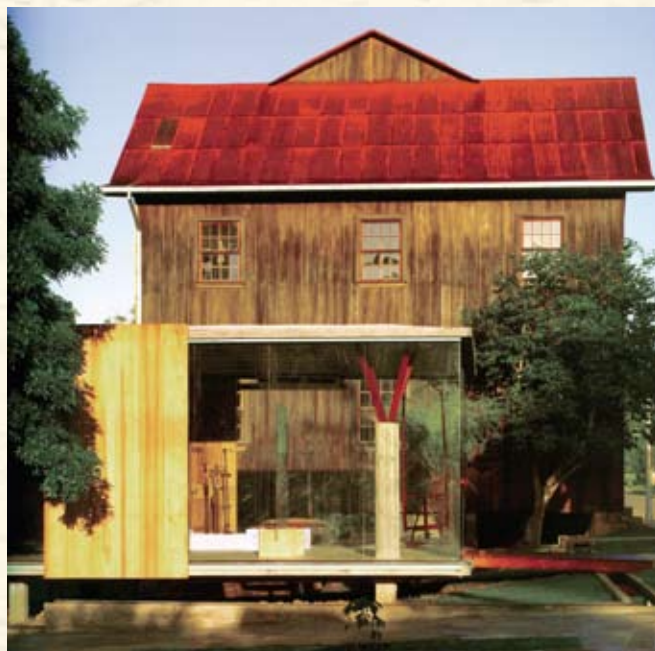
Ações, projetos ou programas que tenham objetivado dar suporte à preservação material ou proteção legal administrativa de acervos culturais.

Conjunto Arquitetônico Museu do Pão, ação desenvolvida pela Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari, de Ilópolis, Rio Grande do Sul, apresentada pela 12ª Superintendência Regional do Iphan, com sede na cidade de Porto Alegre/RS.

Os moinhos do Vale do Taquari na Serra Gaúcha são admiráveis registros da imigração italiana do começo do século passado. Engenhosas construções de madeira, cheias de poesia, sofisticação técnica e lições de arquitetura, significavam a conquista de uma vida auto-sustentável para as famílias recém-chegadas, com o pão e a massa como base culinária e econômica. Novamente integrados ao dia-a-dia das comunidades, ganham novo fôlego e assumem novos papéis. A professora e ambientalista Judith Cortesão, no ano 2000, foi uma das primeiras vozes a apontar para a urgência da restauração, pesquisa e divulgação dos moinhos coloniais. De lá para cá, alguns voltaram a funcionar, como o Moinho Vicenzi, situado ao lado de uma cachoeira.

Em 2004, a criação da Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari foi o primeiro passo para a recuperação do Moinho Colognese, adquirido com recursos doados pela Fundação Nestlé Brasil. As obras de restauro da arquitetura e do maquinário tiveram início em 2005 e contaram com a participação dos alunos do curso de Restauração e Artesanato de Madeira, promovido pelo Instituto Ítalo-latino Americano. No ano seguinte foi iniciada a construção do conjunto Museu do Pão e Oficina de Panificação, com recursos obtidos por meio da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, a partir do projeto elaborado pelo escritório Brasil Arquitetura. A conclusão das obras em 2007 e a inauguração do Museu do Pão marcaram o ponto de partida para a implantação do Caminho dos Moinhos no alto do Vale do Taquari.

O Museu, situado no coração do Caminho, em Ilópolis, apresenta uma linha do tempo que resume 6.000 anos do pão na história da humanidade, narra um pouco da saga da imigração italiana para a Serra Gaúcha, e tem sala para exibição de documentários, filmes e palestras. A Oficina de Panificação visa a recuperar a culinária tradicional e capacitar jovens para o exercício da profissão. O Moinho Colognese voltou a funcionar e produzir farinha, e recebe visitas guiadas. O antigo depósito de grãos foi transformado em bodega, com produtos da Oficina, artesanato e trabalhos manuais da região, e se tornou ponto de encontro e lazer para moradores e visitantes. A ação vincula-se a turismo, aprendizado, costumes, culinária e valorização do conhecimento dos mais velhos, envolvendo esforços de várias instituições e parceiros, entre os quais: Ministério da Cultura, Universidade de Caxias do Sul, Universidade do Vale do Taquari, Emater/RS, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Cultura, Conselho Estadual de Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, Consulado Italiano de Porto Alegre, Associação Cultural Italiana de Porto Alegre, administrações municipais de Ilópolis, Arvorezinha, Anta Gorda e Putinga e o Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Ilópolis. O roteiro turístico e cultural dos moinhos leva o visitante a uma região de belas paisagens: suaves vales e montanhas, rios e regatos, cachoeiras e lagos, densas matas de araucária, grutas, arquitetura rural dos imigrantes e um povo acolhedor.



Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari
Rua João Tomasini nº 1442, Centro
CEP 95990-000, Ilópolis – RS
Telefone: (51) 3774.1304
www.caminhodosmoinhos.com.br
faleconosco@caminhodosmoinhos.com.br



CATEGORIA PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO NATURAL E ARQUEOLÓGICO

Ações, projetos ou programas de gestão e desenvolvimento cultural em áreas consideradas patrimônio natural ou em sítios arqueológicos.

Parques Paleontológicos Integrados da Quarta Colônia/RS, ação desenvolvida por José Jerundino Machado Itaquí, de Santa Maria, Rio Grande do Sul, apresentada pela 12ª Superintendência Regional do Iphan, com sede na cidade de Porto Alegre/RS.



A Quarta Colônia está localizada na região central do Rio Grande do Sul, entre os Campos da Depressão Periférica Central e os do Planalto Médio, na bacia do Rio Jacuí. Com uma área total de 2.923 km² e com 60.711 habitantes, é formada por nove municípios: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins. A calha do Rio Jacuí é rica em sítios arqueológicos de tradições indígenas. Sua população preserva as referências e tradições das culturas de portugueses, afro-descendentes, imigrantes alemães e italianos, isto é, suas falas, costumes, artesanato e gastronomia.

Essa região de encontros abriga sítios de grande relevância científica, hoje com projeção internacional devido à descoberta do *sacissaurus agudoensis*, animal de transição do período Triássico. Considerada Área Prioritária da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, preserva importantes fragmentos da Floresta Estacional Decidual – fósseis de vertebrados e botânicos – e uma riquíssima fauna.

Tudo começou com o Projeto Identidade, em 1989, que desencadeou um conjunto de ações de animação sociocultural e a criação do Projeto Regional de Educação Patrimonial da Quarta Colônia, premiado pelo Iphan em 1997. No ano anterior, com a aprovação do Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia, os prefeitos dos nove municípios fundaram o Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia – Condesus, associação civil

de direito privado e sem fins econômicos, fórum legal de discussão de ações, projetos e programas de interesse regional que busquem a integração e o desenvolvimento dos municípios consorciados.



O projeto faz parte da Rota Paleontológica Centro, cujas etapas de implantação contemplam: Planejamento Ambiental; Inventário dos Afloramentos Fossilíferos; Geoparque; e o Programa Parques Paleontológicos Integrados, constituído de duas fases. A primeira se refere à criação, em São João do Polêsine, do Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica/Cappa, que visa a disponibilizar às universidades infra-estrutura para o ensino, monitoramento e desenvolvimento da pesquisa nos afloramentos fossilíferos da região central do Estado. Previsto para entrar em funcionamento em 2009, permitirá a permanência *in loco* dos fósseis descobertos pelas pesquisas, já que atualmente os primeiros vestígios encontrados estão em outros estados. A segunda fase prevê a construção de três unidades museológicas, em Faxinal do Soturno, Agudo e Dona Francisca. O objetivo principal do projeto é a valorização da região por meio do incentivo à pesquisa e à divulgação da riqueza paleontológica como alternativa econômica para o desenvolvimento regional sustentável, além da promoção do turismo científico.



José Jerundino Machado Itaquí – Secretário Executivo do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia
Avenida Antonio Bozzetto nº 98
CEP 97220-000, Faxinal do Soturno – RS
Telefax: (55) 3263.1241
www.quartacolonia.com.br
condesus@quartacolonia.com.br



CATEGORIA SALVAGUARDA DOS BENS DE NATUREZA IMATERIAL

Ações ou programas de identificação, pesquisa, tratamento de informações, registro etnográfico ou audiovisual ou de apoio às condições sociais de continuidade e sustentabilidade de bens culturais imateriais.

O Vaqueiro da Caatinga e sua Diversidade Cultural, ação desenvolvida pela Fundação Padre João Cância, de Salgueiro, Pernambuco, apresentada pela 5ª Superintendência Regional do Iphan, com sede na cidade de Recife/PE.



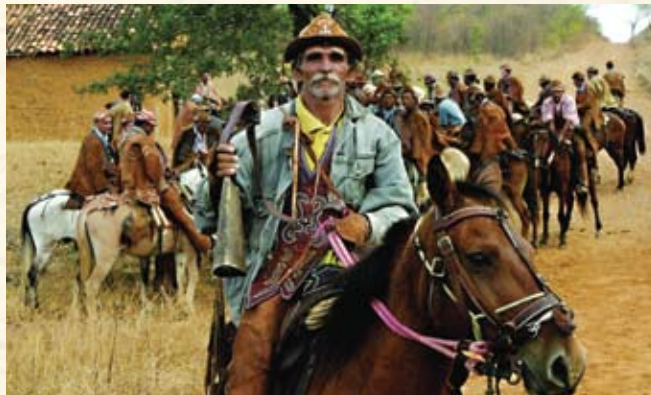
O projeto reúne diversas ações de salvaguarda da rica e variada cultura das populações da caatinga, em geral, e do vaqueiro nordestino, em particular, com o registro de seus saberes, fazeres e celebrações. Francisca Helena Freire de Brito, Diretora-Presidente da Fundação Padre João Cância, esclarece que a ação é apenas o primeiro passo de um longo caminho a ser trilhado – o da preservação histórica e conservação desses elementos históricos – tendo como objetivo maior o seu reconhecimento. Segundo a pesquisadora, colaboraram na empreitada nomes como Ariano Suassuna, Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Frederico Pernambucano de Mello, Luiz Gonzaga e outros.

A figura do vaqueiro tem origem no século 17, quando os colonizadores portugueses iniciaram a integração do sertão aos centros econômicos do Nordeste, Salvador e Olinda. Era o apogeu da cana-de-açúcar. Nos campos do interior predominava a criação de bois e cavalos, para o trabalho dos engenhos do litoral. Em menos de um século estava criado o mundo que Capistrano de Abreu batizou de Civilização do Couro. O tipo étnico do vaqueiro provém do contato do branco colonizador com o índio. Ele é a figura central de uma fazenda. Seu trabalho é árduo e contínuo, pois passa grande parte do tempo montado a cavalo, fiscalizando as pastagens, cercas e aguadas. Uma de suas características é o aboio, espécie de canto sem palavras usado ao

conduzir o gado ou para orientar um companheiro que se perde. Lidar com o gado na caatinga cheia de galhos e espinhos é muito difícil, por isso é usado o terno de couro, composto de gibão, guarda-peito, perneiras, luvas, jaleco e chapéu, além de alpercatas ou botinas.

Entre os diversos elementos culturais da vida do vaqueiro destacam-se suas celebrações festivas, a música, a dança, a poesia, sua indumentária de couro, o artesanato, a culinária, suas crenças e rituais, além dos fatos que deram origem à Missa do Vaqueiro.

Na madrugada de 8 de julho de 1954 o vaqueiro Raimundo Jacó foi traiçoeiramente assassinado nas caatingas do Sítio de Lages, distrito de Serrita, a 553km de Recife. A tragédia motivou vaqueiros, cantadores e religiosos a celebrar missa anual em sua homenagem, no terceiro domingo de julho. A partir da tragédia criou-se um mito, sendo Raimundo Jacó consagrado como símbolo de coragem, a quem foram atribuídos vários milagres. A primeira missa foi celebrada em 1971, ao ar livre, pelo Padre João Cância. Desde então, vaqueiros de vários estados do Norte e do Nordeste se reúnem, sobem ao altar e fazem oferendas, que podem ser sua roupa de couro, arreios e instrumentos usados no pastoreio. A maioria do público assiste a cerimônia montada em seus cavalos. Na comunhão, a hóstia é substituída por queijo, rapadura e farinha de mandioca, alimentos do cotidiano sertanejo. Na semana que antecede à Missa, Serrita vive um clima de festa folclórica, com vaquejada, banda de pífaros, cantorias, repentistas, aboiadores, feira de artesanato e comidas típicas. A celebração, que se iniciou como um ato de protesto contra a impunidade, tornou-se um espetáculo do Calendário Turístico de Pernambuco, ao qual comparecem mais de 40 mil turistas todos os anos.



Fundação Padre João Cância
Rua das Rosas nº 1195, Novo Evereste
CEP 56000-000, Salgueiro - PE
Telefax: (87) 3871.1653
fpjc@supramax.com.br



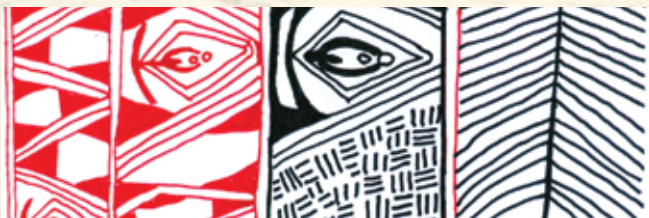
A Palavra dos Premiados

Ianaculá Rodarte, Coordenador Geral do Instituto de Pesquisa Etno-Ambiental do Xingu



O recebimento do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade 2008 vem corroborar nossa luta para promover a preservação das áreas sagradas Sagihengu e Kamukuwaká, atualmente excluídas do território constituinte do Parque Indígena do Xingu. A premiação materializa o gesto de reconhecimento por parte da esfera governamental; esperamos que outras iniciativas dessa natureza possam igualmente ser contempladas, evidenciando a riqueza do patrimônio brasileiro. E dessa forma, buscar-se a adoção de medidas que possibilitem o resgate e a garantia de preservação.

Esses sítios possuem significado especialíssimo para todos os povos irmãos habitantes da região do Alto Xingu: Kamayurá, Kalapalo, Mehinako, Waurá, Kuikuro, Nahykwá, Matipu, Aweti e Yawalapiti. O Sagihengu, local onde ocorreu a primeira festividade do Kuarup, no qual se realiza homenagem póstuma aos entes queridos, é a referência primordial da nossa espiritualidade. De valor igualmente inestimável é a área onde se localiza a caverna do Kamukuwaká, o chefe indígena ancestral que promoveu originalmente a cerimônia do Pohoká, de furação de orelhas, importante ritual de passagem dos jovens xinguanos. Por serem estes lugares partes integrantes da nossa ancestralidade, os sustentáculos da nossa religiosidade, tornam-se essencialmente sagrados para nós. Portanto, sua preservação é de fundamental importância para a manutenção das forças telúricas que possibilitam a coesão cultural e tradicional de todos os povos do Alto Xingu.



Na oportunidade queremos manifestar nossas congratulações à Dr^a. Érika Gonzáles e sua equipe, da empresa Documento-Antropologia e Arqueologia Ltda, pelo excelente trabalho arqueológico, fator determinante de comprovação física dos locais sagrados. E ao senhor Ademar Assis, representante da empresa Atiaia Energia, nossos especiais agradecimentos por sua intermediação junto às comunidades indígenas, por meio do Programa de Patrimônio Cultural. Estão de parabéns também as lideranças e suas comunidades, o Ipeax e toda sua diretoria por essa notável conquista.

José Claudionor dos Santos Pinto, Diretor Administrativo da Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha



Para a Fecaje este é muito mais que um prêmio: é o reconhecimento de todo um trabalho de resistência pela preservação cultural da região, que vem sobrevivendo a mais de 25 anos graças à dedicação de inúmeras pessoas que acreditam na grandeza cultural dessa terra, em especial aos grupos de cultura popular, verdadeiros representantes de nossa identidade. Este prêmio é uma conquista do trabalho que a Diretoria da Fecaje vem desenvolvendo e, acima de tudo, o orgulho de pertencermos ao Vale do Jequitinhonha. Só quem conhece e vive ali, compreende o sentimento de amor regional.

Marília Campos, Prefeita do Município de Contagem e Anderson Cunha Santos, Diretor de Memória e Patrimônio Cultural

Contagem, município da região metropolitana de Belo Horizonte, teve sua origem no início do século 18 com a instalação de um Posto Fiscal da Coroa Portuguesa. De um pequeno arraial com características coloniais, se emancipou em 1911 e a partir da década de 40 conheceu um vertiginoso crescimento urbano com a construção da Cidade Industrial. A Contagem das Abóboras passou a ser conhecida como Cidade das Indústrias,



abrigoando o maior complexo industrial de Minas Gerais. Atualmente, constitui um tecido urbano disperso espacialmente, com seus limites geográficos confundidos com a capital e outros municípios da Grande BH. Um dos desafios do trabalho com a Educação Patrimonial é dar à pluralidade de memórias e marcos identitários desse espaço urbano múltiplo, um sentido de cidade, sem padronização ou homogeneização, cultivando valores de respeito pela diversidade geográfica e cultural.

Vencer o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade significa o reconhecimento do nosso empenho em fortalecer as identidades culturais e o sentimento de pertencimento dos nossos cidadãos. A Prefeitura de Contagem, ao promover o conhecimento sobre a história local e os referenciais simbólicos da nossa herança cultural, além de informar, busca motivar a comunidade a ser mais um agente de preservação desse patrimônio. No ano de seus 97 anos de emancipação, três séculos de história e 40 anos da greve operária de 1968 na Cidade Industrial, Contagem recebe o prêmio do Iphan como um presente a todos aqueles que construíram e constroem a memória da nossa cidade.

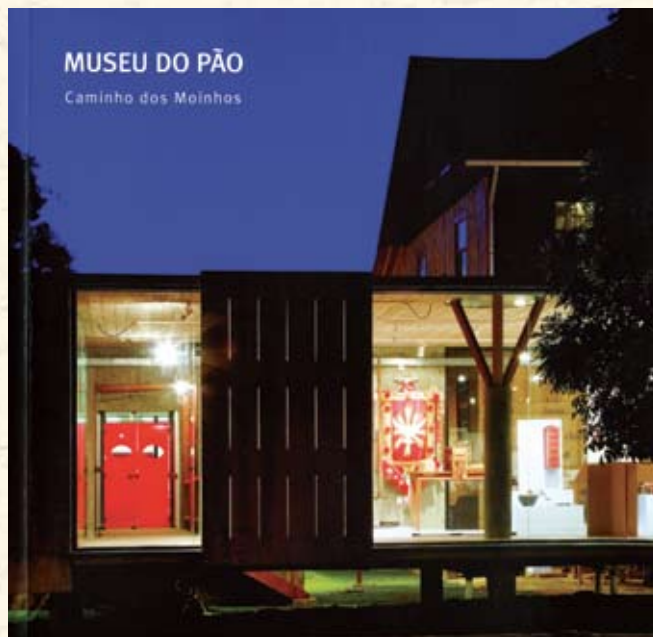


Olavo Pereira da Silva Filho, arquiteto e pesquisador, autor da obra Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí

Para o pesquisador que se dedica ao estudo de referências culturais, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade se sobressai como um dos mais significativos reconhecimentos oficiais de valorização de práticas associadas à produção e fruição da cultura em todo o território nacional. Instrumento da política do Ministério da Cultura na divulgação de manifestações culturais, constitui-se um estímulo ao pesquisador que encontra nesse mecanismo um fortalecimento para a realização de projetos de

identificação, proteção e promoção da nossa diversidade cultural. É ainda uma forma de articular o pesquisador independente com as instituições públicas de proteção.

Claudir Marin Fachinetto, Diretor Presidente e Ismael Rosset, Diretor Executivo da Associação Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari



É no resgate da cultura, na valorização do patrimônio histórico, artístico e cultural de nossas comunidades, e na promoção das festas, que sentimo-nos fortalecidos quanto ao cumprimento do nosso papel de preservar os costumes, as tradições e valorizar sempre mais a cultura. Como o pão, a cultura está presente de forma diversa em todos os povos das mais variadas raças e ascendências (...). A cultura de cada povo marca e registra sua história em suas cores, hábitos alimentares, músicas, imagens, formas, como as do pão. Com o primeiro passo dado iniciamos nosso objetivo maior, o da realização do Caminho dos Moinhos, em uma verdadeira mostra e intercâmbio da cultura dos povos que fazem a nossa história. Na região alta do Vale do Taquari, no centro do Rio Grande do Sul, acontece um pequeno fragmento da vida. Uma celebração universal, oculta de significados múltiplos, dos nossos ancestrais como indígenas, negros, asiáticos, italianos, portugueses, alemães, entre outros.

A restauração do Moinho Colongnese e a do complexo que hoje abriga o Museu do Pão e a Oficina de Panificação aconteceram graças ao apoio da Fundação Nestlé Brasil e da Associação Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari, bem como de muitas pessoas e instituições (...). Além de resgatarmos nossa



cultura, estamos oferecendo alternativas de geração de emprego e renda e impulsionando as mais variadas ações na região.

Nós, ilopolitanos, continuaremos recebendo com carinho os visitantes. Convido-os para conhecer, em especial, a beleza de Ilópolis – Cidade da Erva-Mate e da Ecologia – um pequeno paraíso, rodeado por uma paisagem verde de Mata Atlântica, que abriga um povo simples, mas que valoriza muito a educação voltada à preservação do meio ambiente. É-nos imensamente importante sermos agraciados com o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, porque nos estimula a buscar a pluralidade cultural de nossos tempos.

José Itaquí, Secretário Executivo do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia/Condesus



O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, que temos a honra de receber pela segunda vez – a primeira foi em 1997 com o Projeto Regional de Educação Patrimonial da Quarta Colônia, e agora pelo projeto Parques Paleontológicos Integrados da Quarta Colônia –, nos anima a continuar na luta pela preservação deste patrimônio tão pouco conhecido pelos brasileiros. Nos sítios fossilíferos da Quarta Colônia, Região Central do Rio Grande do Sul, com cerca de 210 a 245 milhões de anos (Triássico Superior e Médio), foram encontrados tecodontes (ancestrais dos dinossauros), cinodontes (ancestrais dos mamíferos), decinodontes (herbívoros e carnívoros), procolofonídeos, esfenodontídeos e troncos, ramos, folhas e pinhas de araucárias primitivas.

As primeiras descobertas científicas e de reconhecimento internacional ocorreram no final da década de 20 do século 19 nas cidades de Santa Maria e Candelária. Desde então, infelizmente, a ausência de instrumentos

legais para a proteção dos sítios, o desconhecimento das autoridades locais, a falta de programas de apoio à pesquisa científica de médio e longo prazo, a carência de material didático de apoio a professores e alunos fazem deste bem algo episódico, dificultando a sua integração cultural e econômica. O projeto agraciado tem como objetivo apoiar os pesquisadores, criar as condições, por meio de programas e de uma infra-estrutura adequada e, por meio das quatro unidades museológicas, socializar esse patrimônio cultural, integrando a paleontologia ao desenvolvimento regional. O reconhecimento do Iphan fortalece a ação do Condesus junto aos patrocinadores do projeto: a Petrobras e a Eletrobras.

João Monteiro Neto e Francisca Helena Freire de Brito, Diretora-Presidente da Fundação Padre João Cânciao

É com muita alegria que recebemos a notícia de termos sido agraciados com o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Essa conquista não é só da Fundação Padre João Cânciao e seus integrantes. É de todo brasileiro que valoriza nossa história. O Iphan demonstra nesse ato ter conhecimento dessa história, e do que ela representa à formação histórico-econômica brasileira, como parte da integração dos sertões, da delimitação de fronteiras e do início do Ciclo do Gado e Couro. O valor histórico-cultural que reveste o conteúdo dessa conquista será levado às futuras gerações e contribuirá para a preservação da cultura popular brasileira.

Além de agradecermos a atenção dispensada ao nosso trabalho, desejamos comunicar que há mais de 38 anos trabalhamos para ver realizado o Registro do Homem Encourado do Sertão, na qualidade de Bem Cultural Brasileiro, cujo pedido já foi efetuado ao Iphan e iniciado o processo para o mesmo reconhecimento junto à Unesco, em nível internacional.



A Comissão Nacional de Avaliação

Afonso Luz, Assessor da Secretaria Executiva do Ministério da Cultura

A conversa que nos levou às escolhas de quem premiar é um exercício de senso crítico e de valorização, embora não tenha a completeza de um conceito. O que é bom! Creio que as atribuições têm o frescor do ambiente cultural de agora: indefinido entre tantos horizontes e disposto a todas as jornadas. Um patrimônio desmitologizado e pouco identitário, sem equívocos popularescos, que redefine perfis e inteligências. Da cultura encorajada dos vaqueiros e jagunços à arquitetura contemporânea de um museu do pão; da imaterialidade itinerante do Jequitinhonha ao território cosmológico do Xingu; da tecnologia biológica de nossas construções coloniais aos fósseis de nosso território pré-ocidental, o Iphan vai trilhando uma reflexão bastante vigorosa em sua abertura atual.

Ana Maria Costa, Coordenadora de Saúde da Diretoria de Assistência ao Índio, da Fundação Nacional do Índio

A proteção do patrimônio cultural brasileiro deveria constar nas pautas governamentais como prioritária. Apreciei muito a qualidade e a diversidade dos trabalhos, alguns realizados com recursos das próprias comunidades, outros por iniciativa dos Estados, Municípios, instituições de ensino e pesquisa, e pessoas físicas. A expressão dessa diversidade tornou a reunião da Comissão um momento rico e emocionante, pela certeza de que há muitos que trabalham pelo fortalecimento da promoção e da preservação do patrimônio cultural brasileiro.

Aroldo Braga, Assessor Nacional da Pastoral da Cultura da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB

Deixando bem distantes os tempos escuros da ditadura e a baixa auto-estima que se seguiu, o Brasil vive uma época de reencontro consigo mesmo, que traz à luz toda a beleza de sua cultura, de seu modo de ser. Muitos são os agentes dessa mudança e dentre eles está o Iphan, que preserva, divulga e protege os bens culturais de natureza material ou imaterial que dão vida à alma do povo e constituem "o documento de identidade da nação brasileira", para usar uma expressão de Rodrigo Melo Franco de Andrade, que dá nome a este Prêmio e foi um dos idealizadores desse serviço ímpar na burocracia brasileira. Participando da Comissão Nacional de Avaliação do Prêmio nos últimos anos, tenho sido privilegiado pela oportunidade de sentir o pulsar desse reencontro do povo com sua cultura, vindo em cada ação concorrente, mesmo as não premiadas,

o testemunho de uma vida que se revela em cada região do país, construindo a unidade nacional. Parabéns ao Iphan e aos que participaram do Prêmio em todo o Brasil.

Carlos Alberto Ribeiro de Xavier, Assessor Especial do Ministro da Educação

O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade tornou-se um símbolo e já é também um patrimônio: a cada ano esperamos pela chegada das propostas das regionais do Iphan para conhecermos um pouco mais da diversidade cultural do Brasil, assim como nos surpreendemos pela variedade de iniciativas de diferentes grupos sociais, de todas as latitudes do país. É notável como as comunidades compreendem a questão do patrimônio cultural! Assim como nos exercícios escolares sobre o patrimônio, podemos observar também no concurso do Iphan como esses conceitos estão disseminados: material, imaterial, arqueológico, histórico, artístico, arquitetônico, tudo é compreendido de tal maneira que nos dá uma certa garantia, pois "o cidadão é, sempre, o melhor guardião de seus bens culturais".

Carlos Kessel, Diplomata do Departamento Cultural do Itamaraty

A iniciativa do Iphan, selecionando as melhores ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro, dá visibilidade aos bons projetos e premia realizações que correriam o risco de não sair do anonimato ou do círculo dos especialistas. O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade é fundamental para motivar e recompensar pessoas, instituições e empresas empenhadas em atividades de preservação, pois a divulgação dos bons exemplos é essencial para conscientizar o público a respeito da importância do nosso patrimônio cultural.

Carolina Juliani de Campos, técnica da Secretaria Nacional de Políticas de Turismo do Ministério do Turismo

O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade é uma iniciativa exemplar do Iphan que, sensivelmente, apóia e valoriza iniciativas na área de patrimônio em todo o país. São centenas de projetos louváveis realizados por brasileiros que vivem, se envolvem, se emocionam e trabalham pela rica cultura brasileira. Selecionar os vencedores, entre tantas ações elogiáveis, é uma difícil tarefa. Por isso, nossos cumprimentos e reconhecimento se estendem não só aos vencedores, mas a todos aqueles que se dedicam à preservação e promoção do patrimônio cultural do Brasil. Participar do Prêmio muito me honra. Agradeço ao Iphan pela oportunidade.



Cláudia Neves Coelho de Souza Nardon, consultora legislativa da Câmara dos Deputados

Tive, pela primeira vez, a alegria e o privilégio de fazer parte da Comissão Nacional do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Examinar o valoroso e múltiplo conjunto de indicações foi experiência rica e alentadora, que me revelou a panorâmica de um Brasil fervilhante de contribuições para o fomento, a preservação e a divulgação da nossa cultura. Acredito firmemente que a iniciativa do Iphan ao destacar as ações que se sobressaem no campo cultural não apenas reconhece e estimula as boas práticas, mas também cumpre o papel fundamental de consolidar a idéia de que a cultura nacional pertence aos brasileiros, e é de todos nós – não apenas do Poder Público – a responsabilidade pela sua conservação e pela manutenção da sua diversidade.

Cleo Carvalho, Chefe da Assessoria de Gestão Estratégica da Fundação Cultural Palmares

O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade visa a estimular ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro junto à sociedade. Neste sentido, a iniciativa é um forte instrumento para a construção de um ambiente no qual os indivíduos, grupos e empresas se tornem agentes ou parceiros nas políticas públicas que têm o patrimônio cultural como prioridade. Por se tratar de premiação em diversas categorias, o Prêmio ainda possui uma dimensão aberta e democrática, uma vez que não se restringe ao conceito tradicional de patrimônio.

Euler Frank Lacerda Barros, Diretor de Arquivo Permanente do Arquivo Público do Distrito Federal

Criado em 1987, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade premia ações que viabilizam a preservação e o resgate do patrimônio cultural brasileiro. Em um país com proporções continentais e com a diversidade cultural que possui, essa premiação possibilita aos vencedores a continuidade de suas ações. A pluralidade cultural brasileira, representada pelos proponentes ao Prêmio, mostra a riqueza de nossa cultura e do povo brasileiro. É a preservação dessa riqueza que o Prêmio procura estimular. Acredito que nesses 21 anos a premiação é a resposta positiva a esse intento.

Jeferson Dantas Navolar, Diretor Extraordinário de Patrimônio Histórico do Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB/Direção Nacional

Agradeço, em nome do Instituto de Arquitetos do Brasil – Direção Nacional, o convite para integrar a Comissão Nacional do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, o mais importante certame público

de incentivo à preservação do nosso patrimônio. Aproveito a oportunidade para lembrar que uma das bandeiras de luta do IAB é a defesa do Concurso Público para a contratação de projetos de arquitetura (previsto na Lei nº 8666/93), por acreditar ser este o melhor modo de privilegiar a qualidade na escolha dos projetos arquitetônicos, principalmente aqueles relativos aos espaços públicos, sem prejuízo de critérios de prazos e preços. Nesse sentido, é com muita satisfação que apresento este testemunho sobre a transparência do encaminhamento e da busca de qualidade na definição dos projetos premiados da parte da Comissão organizadora desta edição 2008 do Prêmio.

Maria Angela Cunico, Coordenadora Geral do Programa de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq

Participar da Comissão Nacional do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade foi uma experiência muito gratificante e um excelente aprendizado. Ter contato com as mais variadas ações de preservação e divulgação do patrimônio cultural brasileiro nos enriquece, gera dentro de nós um sentimento único de brasilidade. A iniciativa do Iphan em premiar, nas diversas categorias, as ações e trabalhos que têm contribuído para a preservação de nossas raízes, da memória da cultura brasileira só pode ser elogiada e incentivada. Congratulo o pessoal do Iphan pela iniciativa, assim como todos os participantes e agraciados.

Patricia Reis, do Setor de Cultura da Representação da Unesco no Brasil

Somos todos movidos a estímulos, diretos e indiretos: seja um prêmio, uma nova informação, ou mesmo a perspectiva de mudança. Participar do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade é observar a resposta de diversos segmentos da sociedade brasileira aos estímulos de políticas públicas em consolidação e do seu próprio entendimento da cultura como poder transformador de suas realidades. São inúmeros trabalhos que evidenciam esforços de resgate de tradições, de registro de manifestações culturais, de salvaguarda de monumentos caros a uma localidade e a um povo. É ao mesmo tempo revelador do desequilíbrio no acesso à cultura, o que torna, em algumas situações, difícil comparar a qualidade entre ações tão díspares, quando destacadas dos seus contextos. E por isso, para a Unesco, um constante estímulo a reforçar a sua missão estratégica no Brasil, como a intensificação da relação entre cultura e desenvolvimento, é salvaguardar os direitos culturais e incentivar o diálogo entre culturas e civilizações.



Mariza Veloso, socióloga, antropóloga e professora da Universidade de Brasília e do Instituto Rio Branco

O Prêmio Rodrigo Melo de Franco de Andrade é uma das iniciativas mais louváveis do Iphan e do Ministério da Cultura, porque divulga e dissemina o conhecimento sobre esse homem público, defensor incontestado do patrimônio, e porque reforça na agenda contemporânea das práticas culturais e políticas brasileiras a preservação do patrimônio cultural como um valor. Valor que passa a enraizar-se no cotidiano de diferentes grupos sociais, por meio de iniciativas de preservação e de educação patrimonial. Outro ponto importante é a abrangência do Prêmio, que resulta na possibilidade de contemplar as mais diferentes manifestações. Os 20 anos de vigência do Prêmio comprovam sua eficácia simbólica, que parece derivar da distinção e do reconhecimento conferidos à diversidade cultural brasileira. Os mais diferentes grupos de etnias são considerados na inteireza de sua dinâmica social e na possibilidade de sua contribuição a uma totalidade cultural chamada Brasil.

O Prêmio Rodrigo busca não apenas valorizar e incentivar projetos, processos e produtos, mas, sobretudo, enfatizar a repercussão cultural, social, política e econômica de tais iniciativas em termos da construção da cidadania e do fortalecimento da idéia de que cultura e patrimônio podem contribuir para ampliar o sentido de pertencimento e cidadania dos indivíduos ao seu grupo de referência, ao seu bairro, cidade, estado e nação. Nesse sentido, um dos critérios observados para a premiação foi justamente sua repercussão econômica, social, política e cultural para as comunidades onde a ação patrimonial se desenvolve. O Prêmio é um alento para todo brasileiro que se orgulha da riqueza, da diversidade e da dinâmica do patrimônio cultural, arqueológico e ambiental do Brasil.

Nilceia Maria D'Orazio de Matos, Diretora de Inclusão Cultural da Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal

Ao selecionar e premiar ações preservacionistas exemplares, o Iphan não só garante a transmissão de legados, mas ainda, com olhos voltados para o futuro torna visíveis experiências vividas no presente. Nesse sentido, a realização do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade atende aos itens de uma agenda política contemporânea, na medida em que ressalta o sentido de lugar e pertencimento, impede

a fragmentação identitária e reforça a diversidade cultural brasileira. E o mais interessante: divulga histórias e experiências comunais surpreendentes, plenas de criatividade e estilo, nunca sequer imaginadas.

Renato Balbim, Coordenador do Programa de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais da Secretaria Nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades

Em 2008 tive novamente a satisfação em participar do corpo de jurados do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Sua relevância e significado são incontestáveis, sendo os princípios de preservação do patrimônio histórico e cultural brasileiro reforçados com o agraciamento de projetos e intervenções selecionados regionalmente em todo o país. Como em outros anos, os projetos apresentados oferecem uma amostra da riqueza e da diversidade das iniciativas que buscam proteger e disseminar a memória social brasileira. Nesse sentido, participar desta premiação é sempre um aprendizado, enriquecido ainda mais pela qualidade e experiência do seu corpo de jurados. O Prêmio enfrenta o desafio de renovar-se constantemente para abarcar da melhor maneira as ações inovadoras da sociedade brasileira na preservação e valorização de seu patrimônio cultural. Parabéns todo o Iphan pela organização desta premiação, que revela o dinamismo da instituição, a excelente condução do processo e, sobretudo, a importância em possibilitar o reconhecimento de iniciativas tão valiosas.

Robson Antônio de Almeida, Coordenador Nacional Adjunto do Programa Monumenta

Participar da Comissão do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade é uma experiência enriquecedora, uma das raras oportunidades de aprendizado e de visão da abrangência das ações de preservação, difusão e salvaguarda do patrimônio cultural. Cada vez mais o Prêmio evolui no reconhecimento dessas iniciativas, com um corpo de jurados multidisciplinar e multisetorial, com a devida complementaridade de conceitos acerca desse patrimônio. E isto se pode, mais uma vez, perceber nos agraciados deste ano: ações que merecem, indubitavelmente, fazer parte do seleto rol representativo dos que se dedicam à nada simples causa do patrimônio cultural brasileiro.



Música Planetária Brasileira

LENINE & BANDA

Ele costuma dizer que é um artista de MPB, Música Planetária Brasileira, uma definição singular que agrega toda e qualquer manifestação musical brasileira ou de qualquer canto deste planeta. Um som sem fronteiras, que não se encaixa em um único gênero e desconhece limites.

Oswaldo Lenine Macedo Pimentel nasceu em Recife, Pernambuco, em 1959. Aos 20 anos foi para o Rio de Janeiro participar de um festival de música e por ali ficou. Desde então já são sete discos lançados, além de inúmeras participações especiais. Como compositor, possui canções requisitadas e gravadas por artistas de várias gerações e estilos: de Maria Bethânia ao Rappa, de Milton Nascimento à Maria Rita. Como produtor assinou os discos de Maria Rita (Segundo), o mais recente de Chico César (De Uns Tempos Pra Cá) e Longi, também o mais recente trabalho do cantor e compositor Tcheka, que veio do Cabo Verde gravar no Brasil com Lenine. Compôs e produziu a trilha sonora do espetáculo Breu, do Grupo Corpo, que estreou em agosto de 2007.

Antes de fazer seu primeiro disco solo, O dia em que faremos contato, lançou dois discos em parceria: Baque solto, um dueto com Lula Queiroga, e Olho de peixe, com o percussionista Marcos Suzano. Lenine seguiu, então, misturando sons e desrespeitando convenções, mixando a eletrônica com o maracatu, o futuro com a tradição, o caboclinho com o funk e o pop com o rock.

Um dos artistas brasileiros de maior vendagem na Europa, este cronista sonoro roda o mundo com sua música. Do Japão à República Tcheca, do Canadá à Madagascar, da Dinamarca às Ilhas Canárias. Falange Canibal lhe rendeu o primeiro Grammy; Lenine InCité, de 2004, gravado ao vivo em Paris, recebeu dois Grammys. Seu último disco, Lenine Acústico MTV, lançado no ano passado e ganhador do Grammy de melhor álbum contemporâneo em 2007, tem participações de Julieta Venegas, Richard Bona, Ruriá Duprat e Iggor Cavallera. Na banda, o guitarrista Jr. Tostoi, o baixista Guila e o baterista Pantico Rocha, seu *power-trio* particular. Seu novo projeto, Labiata, foi lançado em setembro.



Repertório do espetáculo Lenine & Banda

- Hoje eu quero sair só** (Lenine/Mu Chebabi/Caxa Aragão)
- Rua da Passagem - Transito** (Lenine/Arnaldo Antunes)
- A rede** (Lenine/Lula Queiroga)
- O último pôr-do-sol** (Lenine/Lula Queiroga)
- O homem dos olhos de Raio X** (Lenine)
- Lá e cá** (Lenine/Sergio Natureza)
- Tudo por acaso** (Lenine/Dudu Falcão)
- Leão do Norte** (Lenine/Paulo César Pinheiro)
- Miedo** (Pedro Guerra/Lenine/Rodney d'Assis)
- Paciência** (Lenine/Dudu Falcão)
- Santana** (Junio Barreto/João Carlos)
- A ponte** (Lenine/Lula Queiroga)
- Atirador** (Lula Queiroga)
- Dois olhos negros** (Lula Queiroga)
- Jack Soul Brasileiro** (Lenine)
- Que baque é esse?** (Lenine)
- Do it** (Lenine/Ivan Santos)



PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA
Juca Ferreira

PRESIDENTE DO IPHAN
Luiz Fernando de Almeida

CHEFE DE GABINETE
Fernanda Pereira

PROCURADORA – CHEFE FEDERAL
Lúcia Sampaio Alho

DIRETORA DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Marcia Sant'Anna

**DIRETOR DE PATRIMÔNIO MATERIAL
E FISCALIZAÇÃO**
Dalmo Vieira Filho

DIRETOR DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS
José do Nascimento Junior

DIRETORA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Maria Emília Nascimento Santos

**COORDENADORA-GERAL DE PESQUISA,
DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA**
Lia Motta

**COORDENADOR-GERAL DE PROMOÇÃO DO
PATRIMÔNIO CULTURAL**
Luiz Philippe Peres Torelly

CONSELHO CONSULTIVO
Angela Gutierrez
Arno Wehling
Breno Bello de Almeida Neves
Italo Campofiorito
José Ephim Mindlin
José Liberal de Castro
Luiz Felipe de Carvalho Castro Andrès
Marcos Castrioto de Azambuja
Maria Cecília Londres Fonseca
Maria José Gualda de Oliveira
Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira
Nestor Goulart Reis Filho
Paulo Afonso Leme Machado
Paulo Ormino David de Azevedo
Roque de Barros Laraia
Sabino Machado Barroso
Sérgio Alex Kugland de Azevedo
Suzanna do Amaral Cruz Sampaio
Synésio Scofano Fernandes
Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses

SUPERINTENDÊNCIAS REGIONAIS
André Bazzanella, substituto
Amazonas/Roraima

Maria Dorotéia de Lima
Pará/Amapá

Kátia Santos Bogéa
Maranhão

Olga Gomes de Paiva, substituta
Ceará

Frederico Faria Neves Almeida
Pernambuco

Carlos Fernando de Souza Leão Andrade
Rio de Janeiro

Leonardo Falangola Martins
Bahia

Eliane Maria Fonseca Carvalho
Sergipe

Victor Hugo Mori
São Paulo

José La Pastina Filho
Paraná

Ulisses Munarim
Santa Catarina

Ana Lúcia Goelzer Meira
Rio Grande do Sul

Leonardo Barreto de Oliveira
Minas Gerais

Salma Saddi Wares de Paiva
Goias/Tocantins/Mato Grosso

Alfredo Gastal
Distrito Federal

Alberto Bertagna
Rondônia/Acre

Mário Aloísio Barreto Melo
Alagoas

Maria Margareth Ribas Lima
Mato Grosso do Sul

Diva Maria Freire Figueiredo
Piauí

Eliane de Castro Machado Freire
Paraíba/Rio Grande do Norte

Tereza Carolina Frota de Abreu
Espírito Santo

MUSEUS E CENTROS CULTURAIS
Mônica Braunschweiger Xexéo
Museu Nacional de Belas Artes

Vera Lúcia Bottrel Tostes
Museu Histórico Nacional

Maria de Lourdes Parreiras Horta
Museu Imperial

Magaly de Oliveira Cabral Santos
Museu da República

Turibio Santos
Museu Villa-Lobos

Vera Maria Abreu de Alencar
Museus Raymundo Ottoni de Castro Maya

Rui Mourão
Museu da Inconfidência

Denise Grinspum
Museu Lasar Segall

Helio de Queiroz Boudet Fernandes
Museu de Biologia Professor
Mello Leitão

Claudia Márcia Ferreira
Centro Nacional de Cultura Popular

Lauro Augusto de Cavalcanti
Paço Imperial

Robério Dias
Sítio Roberto Burle Marx

ORGANIZAÇÃO GERAL DO PRÊMIO
Graça Mendes, Léa Scatrut e
Tadeu Gonçalves

EQUIPE DA COORDENAÇÃO-GERAL DE PROMOÇÃO
Ana Carmen Jara Casco, Carlos
Eduardo Vivacqua, Claudio
Marques, Duda Miranda, Eduardo
Abreu, Graça Mendes, Henrique
Martins Barros, Inara Vieira,
Jaime Ramos de Araújo, Léa
Scatrut, Liane Matsumoto, Luiz
Philippe Peres Torelly, Márcio
Vianna, Mariley Oliveira, Miry
Elza Lima, Pedro Gustavo Clerot,
Rosiney Arruda, Sônia Rampim
Florêncio, Tadeu Gonçalves, Vera
Lúcia Mesquita

COLABORADORES
Creusa Gomes dos Santos, Denise
Angela de Moraes, Eugênia Matos,
Fernando César Azeredo, Márcio
Goulart Borges, Marco Dy Carlo,
técnicos e superintendentes das
regionais do Iphan

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
Comissões Regionais e Comissão
Nacional de Avaliação do Prêmio
Rodrigo Melo Franco de Andrade,
equipe do Teatro Nacional Claudio
Santoro, Secretária de Cultura
do Governo do Distrito Federal
e Caixa Econômica Federal

REDAÇÃO E REVISÃO
Claudio Marques e Graça Mendes

PROJETO GRÁFICO
Inara Vieira, Duda Miranda

IMPRESSÃO
Gráfica e Editora Brasil Ltda.

**INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E
ARTÍSTICO NACIONAL**
SBN Qd. 2 Ed. Central Brasília
Cep: 70040-904 Brasília – DF
Telefone: (61) 3414.6176
Fax: (61) 3414.6198
www.iphan.gov.br
faleconosco@iphan.gov.br

Apoio



Patrocínio



Realização



Ministério
da Cultura

